

# Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne  
Administrador, Antonio Dantas  
Redacção e administração,  
Rua do Payo Galvão, 70

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade da Empresa  
DOS  
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesense  
68, Rua do Payo Galvão, 72  
GUIMARÃES

## OS ACONTECIMENTOS DE BRAGA E GUIMARÃES

A infame jacobinagem estabeleceu como condição indeclinavel, que todo o movimento que, por muito ou por pouco, lhe possa perturbar a função de manducar e digerir, é fatalmente monarchico.

E' claro que nós, os monarchicos, aneamos por nos vermos livres de um regimen que nos opprime, nos empobrece e nos envergonha como nação; mas, ou temos que não fazer separação entre os adeptos de tal regimen e medi-los a todos pela mesma raza e portanto equalá-los a todos no nosso odio, ou temos que aceitar que entre elles ainda haja alguns ingenuos que de boa fé julguem que tal regimen se pode radicar entre nós, se enveredar por um caminho de moralidade e justiça.

A nós, apraz-nos aceitar a segunda hypothese como a mais racional e humana e, nessa conformidade, não podemos negar a essa facção, que julgamos pura, os mesmos direitos que nós temos de nos queixarmos, posto que não julgemos esses direitos absolutamente legitimis visto que, tendo tido a felicidade de ter á testa do governo um homem intelligente, digno e honrado como era Pimenta de Castro, absolutamente idoneo para realizar os seus ideaes, o não apoiaram como deviam. Mas isso, é com elles; se não souberam, não puderam ou não quizeram agarrar o cabelo que a fortuna lhes pôz ao alcance da mão não foi a nós, os monarchicos, que prejudicaram, foi a elles mesmos; não é isso motivo para nos lamentarmos nem para lhes querermos mal, antes pelo contrario, só temos que lhes agradecer.

Nesta ordem de ideias, ficahes o direito, legitimo ou não, de se queixarem e de protestarem contra a causa do seu mal, direito que, aliás, pertence a todos os opprimidos.

Mas se nós comprehendemos as coisas assim, a jacobinagem é que as não comprehende. A republica, que se estabeleceu para todos os portuguezes e que seria, a dar-lhes credito, uma cornocopia inexaurivel de graças a derramar-se sobre a nação portugueza, foi, a breve trecho do seu inicio, patrimonio exclusivo dos republicanos; mas como, apesar de relativamente poucos para o triumpho, eram ainda muitos para a partilha, o bolo reservou-se apenas para os

mais audazes e menos escrupulosos. D'ahi, procederem como o leão do deserto, que não se importa que os chacaes assistam ao seu banquete com a condição, é claro, de se contentarem com os restos.

Mas, se o leão é generoso, e depois de farto olha com certa complacencia os lobos e os chacaes que disputam os seus sobejos, em compensação não admite que elles o perturbem na função de digerir e muito menos na de se cevar; isso não. Elle aceita de boa vontade a cooperação das feras secundarias quando se trata de dar caça á preza, mas caçada ella, quem talha e divide as rações é elle.

Ora os nossos muito amados jacobinos são, mal comparados, como o leão da selva. A cooperação dos outros foi-lhe util, para a caçada, mas para comer lá estão elles. Se os outros, protestando, mostram os dentes, a primeira ideia que lhes occorre é esmagá-los com uma patada. Mas como podem precisar d'elles para outras caçadas, apenas urram, para lhes mostrarem, por um lado, que não acham legitimis os seus protestos, e por outro, que os não temem; e como é preciso dar-lhes d'isso uma demonstração pratica, aceitam complacentes e adoptam a suggestão de que foram outros, que não elles, que rosnaram.

D'ahi a perseguição ao boi de canga, que pacificamente vae puxando ao arado a revolver a terra que ha de dar o sustento á preza do outomno, de que o leão ha-de ter a melhor parte e os lobos e os chacaes os restos.

E aqui está a razão porque, quando uivam com fome os lobos e os chacaes, o leão, mal comparado, ataca o boi, que nada tem com a contenda, até que o boi, por sua vez, acosado pela fome e recordando as suas ancestralidades, se lembre um dia que tambem tem um forte e rijo arcabouço, tambem tem armas potentes, e que o leão, terror das selvas, tambem envelhece, tambem se lhe embotam as unhas e tambem se lhe gastam e abalam os dentes, e nesse dia, debalde os lobos e os chacaes uivarão com fome á espera dos restos do festim, nesse dia, apenas as hyenas poderão cevar-sena carne putrida do leão.

E nesse dia reinará de novo, mas só então, e definitivamente a paz.

## SECÇÃO AGRICOLA

Defeitos e doenças dos vinhos

(Continuação)

(a) *Baga*—Este fructo secco ao sol é doce, tem sabor que se aproxima da uva passa e a sua tinta é muito parecida com a da uva; mas o seu uso é um tanto perigoso, porque a baga contem uma mucilagem que impede a sahida das substancias suspensas, faz com que o vinho leve mais tempo a limpar e esteja sujeito a refferver. Não se deve pois abusar da baga, tanto porque, embora innocente para a saude, é uma falsificação, como porque pode prejudicar a qualidade do vinho; muito menos se deve usar com o fim de augmentar a quantidade do vinho e só se justifica o seu emprego com o fim de corar vinhos de pouca cor, apesar de que melhor seria fabricá-los de bica aberta para vinho branco. O emprego da baga na forma mais usual é facil: mette-se em saccos novos, fortes, de tecido pouco apertado, e mal cheios e põem-se no fundo do lagar; os homens pisando a uva pisam a baga, deixam-na nos saccos fazendo parte da massa vinaria, durante a fermentação, e é espremdida com o bagaço.

Quando a pisa não é feita a pés, põe-se a baga encerrada nos saccos, de molho em vinho, piza-se e mette-se na massa vinaria durante a fermentação.

(b) *Cenoceanina e Cenobornina*—Estas duas substancias constituem a principal materia corante da uva; são, por conseguinte, as que mais naturalmente se podem empregar para corar o vinho. Estas substancias encontram-se adherindo á casca da uva, de onde se desprendem durante a fermentação, porque são dissolvidas pelo alcool e acidos do vinho.

Em algumas castas estas substancias estão tambem, nas mais tintas, espalhadas na polpa. Para extrahir a cenoceanina, desengaçam-se e pisam-se as castas tintureiras, deixa-se fermentar por algum tempo a massa, espreme-se, e o vinho resultante junta-se a outro vinho ou não, conforme melhor convier. O bagulho deita-se dentro de cuba ou vasilha fechada, onde fica em digestão em aguardente pouco graduada, com algum acido tartarico. O alcool e o acido dissolvem a materia corante; ao fim de algum tempo retira-se o liquido e sobre o bagaço lança-se vinho que acaba de lhe extrahir a cor. A aguardente corada distribue-se pelo vinho a que falta cor. Tambem se pode pôr o bagulho em digestão com acido tartarico.

7.º *Falta de aroma*—O aroma vinoso é composto de aromas de todos os elementos do vinho, os ethers, o alcool e das essencias. Nos vinhos de pasto o aroma vinoso tem o fundo acido. Nos vinhos generosos é balsamico e nos licorosos é sacharino. Sobre os atomas fundamentaes percebem-se outros especiaes a certas qualidades de uvas:

Nos moscateis, o seu aroma especial é devido a uma essencia particular que tem na casca da uva; nos tintos de Bordeus e Colares, pronuncia-se o cheiro vio-

leta. Nos vinhos de uvas mal maduras predomina o cheiro acido do ether tartarico; nos brancos ligeiros é o cheiro a maçã. Nos vinhos finos velhos o cheiro expansivo parece ter o mesmo fundo em todos; as suas cambiantes só se apreciam bem no fim da prova.

Pode dar-se artificialmente um cheiro agradável ao vinho. No proximo numero indicaremos o processo.

**Na Cooperativa de Lactinios da Associação dos Proprietarios e Lavradores de Guimarães compra-se todo o leite que lhe queiram fornecer a 30 réis o litro.**

**Pedimos aos nossos estimados assignantes o obsequio de nos informarem, no interesse comum, do estado das suas cearas e das suas vinhas. Do perfeito conhecimentos do estado geral das proximas colheitas, resultará a vantagem de, com mais segurança, se poder obter uma melhor collocação para os seus productos.**

## Uma selvajaria

Mais uma vez foram agredidos e espancados presos politicos; mais uma vez caiu sobre os amoucos do actual regime um la-beu de eterna ignominia.

Nunca se viu em nação d'algu-ma civilização essa infame cobardia de espancar um homem que se não pode defender.

Um preso é uma coisa sagrada, uma hostia que se sacrifica para bem da ordem e da paz; e por isso ninguem lhe pode tocar senão aquelles que a lei determina, e pelo modo que a mesma lei prescreve.

Um preso, enquanto não for julgado, não se deve considerar como um culpado; pode ser, e muitas vezes é, um innocente que foi capturado por um equivooco, por uma simples suspeita, por uma denuncia falsa. E se ha presos que devam ser tratados com alguma consideração, são os presos politicos, porque, além do seu crime não ser deshonoroso, quasi sempre são victimas das paixões de partido, de odios gratuitos, de vinganças mesquinhas.

O crime politico é um crime convencional; o seu autor pode ser hoje condemnado para amanhã ser glorificado. Os que hoje são tratados como uns criminosos, podem amanhã ser exaltados como uns heroes.

Isto tem sido sempre assim e assim continuará a ser pelo tempo adeante. Foi preciso que se implantasse a republica em Portugal para que os presos fóssem tratados pela matulagem das ruas como uns cães perigosos e fóssem corridos como feras bravias. Esta gloria que não se vê em nenhuma nação medianamente civilizada, é propria, unica e exclusi-

va dos nossos republicanos, que neste ponto mostram ser tão humanitarios como os mais sanguinarios selvagens da Africa.

Sim, esta gloria pertence unica e exclusivamente aos republicanos portuguezes. E todos são cúmplices nesta revoltante iniquidade: uns por serem os seus autores, outros por serem os seus consentidores.

Se o facto se tivesse dado uma só vez e nunca mais se repetisse, poderia então ser attribuido á rale ignorante e má do partido; mas para vergonha eterna dos nossos republicanos o facto tem-se repetido muitas vezes e nas mais repugnantes circumstancias de crua selvajaria.

Sim, os partidarios do novo regime podem estar satisfeitos com estas suas gentilezas. Em nenhum outro regime se tolerariam, nem tão pouco haveria quem ousasse praticá-las. E todos os republicanos são cúmplices nesta horripilante iniquidade; porque até hoje ainda não houve um castigo exemplar para os malvados que afrontam e agri-dem um preso.

Não tem havido protestos nem do parlamento nem da imprensa, nem dos grupos republicanos. Foram os republicanos que com as suas perversivas doutrinas prepararam o populacho para estes excessos altamente condemnaveis; foram elles, com as suas criminosas propagandas, quem tem pretendido estabelecer no espirito do povo a convicção de que um conspirador monarchico é um criminoso da peor especie, mais abominavel do que um assassino, mais perigoso que em saltador de estrada. Pelo que ninguem lhes disputará a gloria, propria de selvagens antropophagos, de espancar e ferir os pobres presos.

P. A.

## PIOS

In vino veritas

O grande estadista e notavel copo, snr. Alexandre Braga, disse ha dias na camara dos deputados, a respeito das zaragatas de Guimarães e Braga, que ellas eram resultantes da *magnanimidade dos republicanos*.

Disse uma grande verdade o illustre tribuno: com effeito, é devido á magnanimidade com que os republicanos tem distribuido entre si os dinheiros da nação, que monarchicos e socialistas lhe entoariam, de todo o coração, um bem repenicado *De profundis*.

Armas

O mesmo inflammado tribuno diz que fizera, de sociedade com uns compadres lá d'elle, uma constituição que m'honra, que t'honra e que s'honra, mas que os deixou desarmados (não se deve tomar no sentido de depennados) contra os inimigos da republica, e portanto, pede armas, muitas armas.

Apezar de nada termos que ver com a armação lá d'elles, ousamos lembrar a conveniencia de encarregarem do fornecimento algum ministro plenipotenciario,

perito no assumpto; agora, neste periodo de guerra, em que por toda a parte se fabricam armas, talvez as possa arranjar em conta, ainda que não seja senão em segunda mão.

### 14 de maio assassino

Diz o grande homem publico, acima duas vezes citado, que o 14 de maio matou a politica de embustes.

Palavra d'honra que foi preciso que o dissesse a bocca d'ouro; do contrario ninguem o acreditaria. Que apezar d'isso.....

### Logica democratica

Por um misto de decencia e de nojo, não costumamos ler os jornaes democraticos. Assim, só indirectamente chegamos ao nosso conhecimento as coisas que elles dizem.

Os «Echos do Minho», mais corajosos do que nós, ou melhor prevenidos de desinfectantes, armados de um gancho bem cumprido, á semelhança dos trapeiros, mexem de vez em quando no monturo, e de lá arrancam preciosidades como a que passamos a apresentar ao leitor:

«O grave episodio de Montalegre ha dias occorrido, narrado nos jornaes, parece que era, em summa, uma parte dos prolegomenos com que os conspiradores contavam para o exito da sua jornada! Minara-se a morte. Em meados do mez corrente casualmente nos caíram sob os olhos duas papeletas, os «Echos do Minho» e os «Echos de Guimarães».

A primeira vê a luz em Braga, a segunda na velha cidade onde nasceu Affonso Henriques.

Vinham verdadeiramente desaforados. Não nos lembramos de jornaes provincianos escriptos com tão despejada verrina e tão insultantes. São dois periodicos monarchicos. Não tem, é claro, a coragem de defender a monarchia. Nem fallam nella. Seria profundamente inhabil. Mas, em compensação, arremessam á Republica e aos republicanos que os monarchicos mais temem, e por isso mais odeiam, uma caudal de phrases desbocadas, de que regateiras profissionais nunca fizeram uso por lhes serem... desconhecidas. Para se acreditar, só lendo-se. E nós lemos. Tudo preparativos.»

E' claro que os «Echos do Minho» sacudiram, aiosamente como sempre, a agua do seu capote. Nós tambem a poderiamos sacudir do nosso, tanto mais que os nossos processos são identicos: usamos a mesma energia no ataque e tambem a mesma correcção. Mas preferimos convidar o leitor a analysar connosco a logica lá d'elles.

Assim, se elles confessam que nós não defendemos a monarchia, como nos accusam de fomentadores de revoltas conta a ré publica? Só porque dizemos mal d'esta marafona? Mas, que diabol ha ou não ha liberdade? E' claro que ha, e quando a não houvesse, quem fez o 5 d'outubro e o 14 de maio só para haver liberdade tambem faria outra, outro dia qualquer.

A' sombra d'essa liberdade pode-se dizer mal dos que pensam d'uma maneira diferente da nossa, e obram de uma maneira opposta aos nossos interesses? Pode; os seus jornaes são d'isso um exemplo irrefutavel, pois que, pegando diariamente ao murro uns com os outros dentro das instituições, todos elles tem sempre de reserva um coice para darem, de caminho, nos monarchicos. Portanto, ha liberdade, e havendo-a, e havendo tambem igualdade, claro está que se elles podem esmurrar-se fraternalmente entre si e escoucarem o senso commum e os adversarios

do seu regimen, tambem estes podem, por seu turno, atagantá-los, que é a forma mais usual de a gente responder aos seus ataques; e sendo assim, de que podem rasoavelmente queixar-se? Por acaso reeditarmos as accusações que mutuamente elles se fazem, de crapulas e veniagas, será mais criminoso do que editá-las? Podem elles vir para publico com as suas infamias, e nós, só porque chamamos para ellas a atenção dos nossos leitores, logo somos considerados como fautores de revoluções? Isto faz tanto sentido como as nossas phrases desbocadas não serem usadas pelas regateiras de profissão, por lhes serem desconhecidas.

Ora quem alguma vez tiver visto duas regateiras em attitud parlamentar democratica, não ficará com duvidas quanto á extensão dos seus conhecimentos de dialectica e de linguistica; portanto, uma de duas: ou a nossa linguagem não é desbocada, ou então não foi sem intenção que elles escreveram — regateiras profissionais. Provavelmente crearam uma nova classe de regateiras amadoras para uso domestico. Mas essas, com a convivença, devem estar já tão adeantadas como as outras e como elles proprios e portanto..... se os percebe, cebo!

Se o leitor complacente conseguir ver claro nestas trevas, muito nos obsequiará participando-o a esta redacção.

### Castro filho

Damos aos nossos leitores a agradável noticia de que o apello de Castro pae aos sentimentos patrioticos e mais partes que concorrem em Castro filho, foram por este attendidas e n vista das graves causas que levaram o pae a apellar para o talento e patriotismo do filho. Moçambique vae, pois, ter um governador á altura da gravidade das circumstancias. Parabens á Patria, á Colonia, á Castro pae, á Castro filho e sobretudo ao Zé pagante.

O peor é se, neste negocio em que entra o pae e o filho, não entra tambem o Espirito Santo. Com esta coisa de separação, o Espirito Santo é capaz de jogar de porta. Mas..... Deus super omnia...

### 14 de maio

Toda a gente sabe—os democraticos não tem feito d'isso segredo—que o 14 de maio foi gerado, creado e medrado para dar cabo da Dictadura. No dia 15, os patriotas, como levandisca em rego d'agua mansa, espojaram-se na agua lustral da liberdade. Restaurou-se a constituição de que o despota feroz que foi Pimenta de Castro fez o mesmo uso que D. Miguel fez á carta, e com ella se restaurou o imperio da Liberdade. Entrou-se abertamente na democracia e na legalidade.

Onde o arbitrio opprimia, metteu-se a encospia da lei. Mandar, agora, só os representantes da nação. E no uso e regalia d'esse direito, o parlamento deu ao governo amplos poderes para reprimir os ataques á liberdade (d'elles) e resolver qualquer caso bocado de..... de falta de massa, democraticamente fallando.

Traducção: os nossos legitimos e amados representantes, em antes de irem gosar as bem merecidas ferias, entregaram ao governo uma gazua que serve perfeitamente na arca do thesouro, e uma navalha de ponta e mola. Pode a nação dormir socegada.

### Economia

Já se sabe, e não é sem tempo, porque é que o elegante diplomata escarumba foi reposto no lugar que voluntariamente abandonou, e por que recebeu aquella

gorgetasita de 3750 cascudos. Foi por economia!!! Assim o disse o sr. Ministro dos Estrangeiros ao sr. Aresta Branco, que fingiu zangar-se com a esportula. Ora pois, foi por economia.

Podia tambem ter accentuado a conveniencia de nos fazermos representar por um mulato, para assim attestarmos o progresso das nossas instituições. Se o não fez, foi provavelmente com receio da sombra do Jau, que tambem era de côr, lhe apparecesse em sonhos a dizer que alguma coisa de mais util elle fez e comtudo teve um pago bem diferente.

E' verdade que isso foi nos tempos ominosos, que já lá vão e não voltam mais.

### Fraternidade de cafres

Foram recebidos no Potto, com a habitual fraternidade entre as gentes democraticas, os desgraçados que de Braga e Guimarães foram enviados em sacrificio a Moloch.

Pedradas, morras, insultos, e até facadas pelas costas em prisioneiros! foi o que os administradores do sr. Osorio ofereceram aos forasteiros.

No fim de contas fizeram muitissimo bem. Tudo é pouco para a infamia de não amar e reverenciar umas instituições que tem taes auctoridades e taes adeptos.

### Alcibiades

Alcibiades era um grego que não era de todo destituído de qualidades, posto que nelle abundassem os defeitos. Tinha entre estes um, que sobrelevava todos os outros e ainda todas as suas qualidades — a vaidade. Por ella, sacrificava tudo. O culto da celebridade era a sua ideia absorbente. Obrigar os athenienses a fallar em Alcibiades era a sua principal preocupação, era o fito, o alvo de todos os seus esforços. Dizerem d'elle bem ou mal era-lhe por igual indifferente: o essencial era que fallssem d'elle.

Ora nós tambem cá temos uma especie, um tanto avariada, de Alcibiades, o tal do Rego.

Fazer fallar de si, é a sua constante preocupação. Para o conseguir, não duvidou apoiar João Franco theorica e praticamente. Para isso se fez depois republicano. Para isso tomou parte no 14 de maio. Para isso não duvidou bombardear Lisboa. Para isso gabou a boa ordem e a boa organização dos anarchistas de Setubal. Para isso falla pelos cotovelos sempre que se lhe offerece occasião.

Elle é agitador, orador, jornalista, propagandista pelo facto, elle é tudo, elle faz tudo quanto seja preciso fazer para que se falle no do Rego, quer as suas palavras e as suas acções obriquem a chamar-lhe Cretinote, quer obriquem a chamar-lhe Pulhote do dito Rego.

O essencial é que se falle nelle. Foi, obedecendo a este principio, que na celebre sessão solemne em honra do heroico tenente Aragão, que por signal não esteve para o aturar, elle disse coisas taes como estas:

Que não sendo orador estava ali apenas no cumprimento d'um dever de soldado e elle não sabe nunca fallar aos seus deveres.

Foi em cumprimento de um dever que esgotou todo o vinho de Borba, não deixando nenhum para o General Pimenta de Castro.

Depois falla na campanha que ha um anno, elle orador, vem fazendo para exaltar no coração do povo o mais ardente amor da Patria, e para lhe apontar o caminho do dever e do seu interesse, campanha em que ainda com mais ardor se empenha quando atirado cordealmente para uma fortaleza; quando até elle iam chegando os uivos de desprezíveis chacaes e tambem o silvo sinistro

d'uma serpente da politica portu-gueza, nessa campanha, repete, quantas vezes não apontou, elle, orador, aos seus ouvintes o nome d'esses heroes.

Não se pode negar côr local ás suas figuras de rhetorica. Com effeito, lá do sertão de onde os heroes regressam não faltam as serpentes nem os chacaes. Depois compara Guilherme 2.º a Borgia, não sabemos se a Rodrigo se a Cesar, e depois entra francamente no dominio da asneira censurando a obediencia dos allemães ao seu imperador, elle, que foi um lacaio de João Franco, e chamando tunica impertigada aos uniformes dos allemães, como se verá do seguinte extracto:

«A hypocrita mascara dos socialistas e dos anti-militaristas, essa mesma, breve se fez em pedaços. Na pontualidade, no espantoso zelo com que tojos tem cumprido as ordens do seu Cesar fica bem patente que dentro da tunica empertigada dos seus militares, da toga dos seus magistrados, da blusa dos seus sabios não havia tal o super-civilizado — o homem d'elite — o guia intellectual do mundo, mas apenas uma fera hedionda, capaz de todas as abominações.»

Menos talvez a de bombardear as suas proprias cidades. Até aqui, sem favor, Cretinote. D'aqui por diante, cede o lugar a Pulhote.

«Portugal, numa estreita dependencia economica de todo o mundo, ligado por uma secular alliança á nação ingleza, vendo, desde muito, claramente, brutalmente, manifestadas as cobicias dos teutões sobre territorios nossos de além mar, não careceu de que ninguem lhe apontasse o caminho do dever.»

E fechou na cara dos allemães a porta de Angola, que pouco antes lhe tinha aberto:

«Desde a primeira hora da guerra logo elle fez bem sentir que tudo estava disposto a fazer para salvaguardar a sua dignidade e o seu futuro. E de facto a republica ganhou prestigio e sympathia.»

Pois não! um grande prestigio, uma grande sympathia, reflexo do prestigio e sympathia de todos os Pulhotes e Cretinotes que a servem.

«Mas surgiram de subito perfidas correntes—a dos poltrões: a dos que não tinham vontade de bater-se, (todos os que tem bom senso) e essa, ao que parece, chegou até Naulila: a dos que, por odio ao regimen, não duvidam pactuar com todos os inimigos da Patria; outra ainda, essa a mais vergonhosa de todas, a dos exploradores do medo, a dos politicos sacacrolhas, a dos desorientadores da opinião publica. E a onda foi crescendo, crescendo sempre, avolumando-se, alteando-se, subvertendo tudo. E a pobre alma portu-gueza gemeu, desorientou-se, quasi se perdeu na estrada, mas mais duros dias teve ainda que passar. Veiu o governo do general Pimenta de Castro e a pobre republica quasi baqueia.»

E' que o General era a luz. Ora a ré publica tinha andado de noite na borga, democraticamente fallando, com o tribuno Alexandre Braga e está bem de ver, para não faltar ao costume, copinho cá, copinho lá. E' claro que quando se chega a certas alturas e se vê luz, é o diabo, vae-se para o chão. O sr. Pulhote não tinha que estranhar. Nós é que estranhámos, apezar de tudo, que um homem que veste a farda de João Coutinho, Frederico Pinheiro Chagas e Alvaro Ferra honratam, a não despisse para a não sujar ao apanhar a trampa que arremessou á face do honrado General, que, quando mesmo lhe não merecesse respeito como homem—os seus caracteres são absolutamente discordantes—o devia em todo o caso merecer pela sua hierarchia e pela sua qualida-

de de prisioneiro que para elle,

um militar, devia ser sagrada. Leia o leitor e pasme:

«Que importa o desastre de Naulila, as incursões, as atrocidades, os morticinios, os ultrajes á bandeira nacional feitos pelos allemães! Aos prisioneiros chama-se-lhes internados. E emquanto—oh! suprema baixeza—esses prisioneiros, famintos, esfarrapados, descalços, soffrem as maiores injurias e torturas, o general vae rojar as suas agulhetas de ouro, humilde, rastejante como um podengo, á porta do embaixador da Allemanha.»

Não é verdade que isto causa asco?

Não é revoltante o cynismo com que pulhote censura o General, o que afinal esses mesmos governantes, que para ahí estão continuam a fazer?

Não mette nojo que um official superior da marinha desça á baixeza de attribuir aos outros as culpas dos desastres de que absolutamente é responsavel a gente que elle serve?

Diz muitas coisas a respeito dos allemães, que espionam, que mandam em nossa casa, que nos mettem navios no fundo, tudo, está claro, por causa da dictadura, e depois, aqui outra vez Cretinote, larga esta bujarda:

«Mas aquelles que são pelos aliados, os que defendem uma situação clara, nobre e honrosa, são ameaçados, são cobertos de injurias, são objecto das campanhas por parte dos que lhes alagam os seus servicos.»

O ministro portu-guez continua ainda hoje em Berlim: e o sr. de Rosen continua passeando em Lisboa, a rir-se de todos nós.

E como não ha-de rir-se, não só elle, como todos os mais, de um paiz que tem governantes, diplomatas, heroes e patriotas como os que nós temos? Como não se hão de rir de uma nação que ouve fallar como fallou Cretinote sem o correr á batata no fim? Mas o homem não ficou por aqui; no sacco ainda havia mais:

«A republica tudo perdeu: a ter-se-hia perdido tambem a honra se não fôra os heroes de Naulila; se não fôra tambem o amor que á Patria Portu-gueza e á republica ainda, felizmente, conserva muito cidadão honrado.»

Já se sabe que aqui cabe a anedocta: Aqui ha só dois homens honrados: um é o meu compadre, o outro o meu compadre dirá quem é.

Entre entusiasticos applausos, acrescentou:

«Suppliqu-lhes que se unam para que possa haver socego nesta terra, tão avida de trabalho e de paz. Mas esse socego não poderá haver enquanto que para fôra da fronteira não fôr corrido o ultimo allemão, levando consigo essa desprezível phalange de portu-guezes degenerados que o seu ouro conseguiu facilmente chumbar ao seu serviço.»

Ora vejamos! toda a gente a imaginar que não podia haver socego enquanto vivesse a formiga branca, e vae-se a ver e não ha tal: os fomentadores da desordem e do desassocego são os allemães e a phalange dos portu-guezes degenerados que sympathisam com elles até ao ponto de os não quererem matar. Quanta luz devemos a Cretinote.

«Que todos os bons republicanos se unam e que tudo venham a fazer; tudo quanto fôr mister, para podermos esquecer que das mãos dos estrangeiros e não das de soldados nossos viemos a receber livres os prisioneiros de Naulila.»

Ora aqui está a verdadeira razão porque vamos para a guerra: é para podermos esquecer o negro caso. E como? pagando na mesma moeda: agora somos nós que vamos arrancar aos allemães os prisioneiros inglezes. E come pão amassado todos os dias, quando tão bem se poderia poupar trabalho ao padeiro e até ao moleiro!

## A BANDEIRA AZUL E BRANCA

O nosso prezado assignante Snr. Francisco Ferreira Roque, um dos bravos companheiros de Paiva Couceiro e refugiado agora no Brazil, sentindo a nostalgia da Patria e a saudade da nossa linda Bandeira, que tão honradamente defendeu, pede-nos a publicação do seu desabafo patriótico. Apesar de luctarmos com grande falta de espaço não podemos recusar-lhe esta satisfação, tão respeitáveis e dignos d'applauso são os sentimentos que manifesta; e agradecendo-lhe as amáveis palavras com que acompanha o pedido, damos-lhe de bom grado acolhida nas columnas do nosso semanario:

Para ti se voltam os nossos olhos saudosos, cheios de magua, cheios de esperança, cheios de amor! Em vão te procuramos ver tremular, serena e ativa, no lugar que te pertence—que é teu e só teu, nas adriças dos nossos navios de guerra, nos nossos vastos castellos e no nosso ainda vasto imperio ultramarino attestares ao mundo a integridade de uma Patria, que é livre e o tem sido sempre pela força herculea dos seus filhos e o ha de continuar a ser através das mais graves conjuncturas.

Recordas, tu, Bandeira tantas vezes gloriosa, sagrada por tantas batalhas triumphantes, todo um passado de grandezas épicas. Os feitos heroicos que através da nossa historia se encontram esculpidos fallam bem alto, tão alto á nossa alma vibratil de portugezes da velha tempera, que ao recordá-los nos não sentimos emocionados e ufanos por esse passado grandioso, em que tu, Bandeira gloriosa, empunhada por pulsos fortes de abnegados portugezes, ondulado bem ovante, á frente de tantos e tantos, como que annunciando victoria e gloria, servistes de guia e de mortalha na hora derradeira á tantos peitos portugezes que souberam morrer ao lado de velhos canhões defendendo a honra da Patria!...

A pureza das tuas côres prefulgentes, miniatura fiel d'aquellas que pairam lá em cima, no infinito, onde a lama, que a degeneração humana costuma lançar contra tudo o que é bello e sublime, não consegue salpicar, calam perpetuamente bem fundo no nosso coração mui veneradas e mui amadas. Ainda ha dias, Bandeira, eternamente gloriosa, eu sonhei contigo — e para que não dizeres? —perpassou-me nessa occasião pela mente á illusória visão de

que te estava vendo em uma re-frega em perspectiva de triumpho.

Oh! não fóras tu tão bella e tão linda! O reflexo das tuas côres, o seu brilho, a sua pureza, fallam-nos de tudo que ha mais nobre ao coração. Retratam ellas a candura, a bondade infinda, e o cavalheirismo característico da boa alma portugeza; a paisagem amena dos nossos rios, dos nossos mares, dos nossos valles, dos nossos campos, enfim: retratam as côres profundamente azues e brancas do ceu alancorado do nosso lindo Portugal. Comnosco, Bandeira adorada, estás no exilio. Mãos impias, perversas, malditas, pretenderam macular-te nas tuas côres. Ellas porém ficaram intactas.

Postes criminosamente retirada do lugar que te pertence, mas nem por isso deixa de haver milhares de patriotas que se acolhem á tua sombra protectora, esperançados de que muito em breve te hão de collocar no posto do qual foste arredada.

Extrangeiro algum já mais ousou humilhar-te, vexar-te!... só filhos espúrios que cobrias com as tuas côres consagradas, e que mal dirias de que te haviam de trahir, patricaram essa infamia!

A hora tremenda da justiça está tardando mas virá. Has-de ser desafiada custe o que custar. Oh! não estivesses á teu lado os heroicos e valorosos Paiva Couceiro e Azevedo Coutinho, dois heroes da lenda, que te hão de hastear no solo da Patria, como nos invios sertões da Africa, para seculos além continuares a representar a tradição da gloriosa Patria Portugeza de outr'ora.

Salvé oh! legendario e glorioso pavilhão das quinas, bem amado lábaro da nossa Patria! De novo te saúdo.

Francisco Ferreira Roque  
Emigrado politico.

## OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

Nós sabemos que o snr. não está cúmplice em coisa nenhuma.

Agradeça isso aos seus amigos da freguesia e... desculpe.

Foram estas as palavras com que o snr. administrador dr. Moreira Sampaio, recebeu o snr. Padre Bento Alves, parcho de S. Lourenço de Sande, preso por occasião dos chamados ultimos acontecimentos.

Se o snr. Padre Bento não tinha culpas como o *confessor* a propria auctoridade para que foi sua rev.<sup>ma</sup> preso?!

Para satisfazer um pedido da freguezia, respondemos nós? Não. O snr. Padre Bento foi, talvez, preso porque assim aprouve ao regedor e talvez ao snr. da Eira.

para que por tua vez, sejas, como elle, um flagello da humanidade.

Remedio para este mal, só um poderá produzir effeito: fugir; fugir para muito longe tanto quanto os teus recursos o permittam; a pé, a cavallo, de balão, de caminho de ferro e tapar os ouvidos bem tapados, porque, tão longe quanto possa chegar a sua voz ou osapparelhos da transmissão da palavra a distancia, taes como: telegraphos, telephones e o mais que no futuro se inventar, chegarão as suas razões, reforçadas com as dos luminares que em seu abono te citou.

Parecido com este, se bem que menos damninho, vem aquelle sujeito que te recebe sempre com uma exclamação jubilosa e faceta, que nunca te chama pelo nome por que todos te conhecem mas por um da sua invenção e que

A prova está nas seguintes palavras, proferidas quando da prisão de sua rev.<sup>ma</sup>, por um defensor da republica, á sua creada:

A snr.<sup>a</sup> esteja descansada. O snr. Abbade volta já. E' preso para satisfazer o pedido de *alguem*.

Quem é esse *alguem*? O regedor e o da Eira, que são os *unicos* inimigos do parcho? Não sabemos...

O resto da freguezia dá-se com sua rev.<sup>ma</sup>, porque sempre tem sido um padre dignissimo e recto cumpridor dos seus deveres. Além d'isso o povo de S. Lourenço não emparelha com essa corja de bandidos que aproveita todas as occasiões para a vingança!

O povo de S. Lourenço é um povo honesto e trabalhador e não é capaz de fazer mal a ninguém e muito menos ao seu parcho, porque é um povo catholico e crente!

O povo de S. Lourenço, é, e com razão, um povo digno e por isso incapaz de emparceirar com a canalha que sempre se serve das occasiões anormaes, para vingar o seu odio em pessoas honestas, como o é o Padre Bento Alves e os restantes presos de Sande.

Foi villissimo esse acto e nelle não se *sujou* só o seu auctor, ou auctores; o snr. administrador igualmente não sahio *muito limpo*, por consentir a dentro das prisões, homens innocentes, como Sua Ex.<sup>a</sup> proprio o confessou.

E convença-se o snr. dr. Moreira Sampaio, que sempre o tivemos por um homem honesto e um bom caracter, que a prisão dos homens de S. Lourenço vem pôr em duvida a justiça que assistiu ás outras prisões effectuadas pela mesma occasião em outras freguezias.

Dar-se-hia o mesmo nas outras partes como em S. Lourenço?

Que responda a consciencia do snr. administrador; nós, ficamos perplexos ante os factos apontados, e, francamente, muito nos penalizamos actos como estes.

Ainda assim, estamos absolutamente convencidos que o snr. dr. Moreira Sampaio só soube serem victimas innocentes os presos de S. Lourenço, momentos antes de os interrogar, porque é de justiça dizer-se, sua ex.<sup>a</sup> não consentiria por mais um minuto enclausurados esses homens.

Restituiu-os á liberdade é certo, mas o que urge é que seja chamado á responsabilidade o auctor ou auctores d'esse acto malvado, que bem mostra o baixo e vil caracter d'esses maus homens.

Foi culpado apenas o regedor? Apure-se e castigue-se e todo o rigor da lei será pouco para punir um acto tão infame.

Não foi culpado o regedor mas foi outra pessoa?

E' da alçada da auctoridade investigar, e o caracter e a honra do snr. administrador do concelho, exigem a mais formal reparação.

Esperamos que o snr. dr. Mo-

reira Sampaio cumpra o seu dever, isto é, investigue se ás prisões de S. Lourenço só presidiu a vingança ou a denuncia.

E' a denuncia falsa? *Falsissima*, como se vê. Ha então vingança? Se ha, nem mais um dia deve esperar o administrador do concelho, sem reparar a falta, que é gravissima, que é immensa.

Ella é tamanha, a nosso vêr, que não temos coragem de abertamente imputarmo-la ao regedor ou seus sequazes.

O que é certo é que houve vinganças e é isso o que se deprehen-de das palavras do magistrado superior do concelho e dos *defensores da republica*, os *carbonarios*, que fizeram a prisão.

E' preciso, é absolutamente necessario, que o snr. dr. Moreira Sampaio investigue, com toda a rectidão e imparcialidade, o caso apontado.

Sua Ex.<sup>a</sup> pode estar convencido que na defeza da *republica*, basta empregar a justiça. Houve delinquentes? E' justo que se castiguem e não seremos nós, monarchicos, que discutiremos esse castigo, se elle for justo, embora, é claro, isso nos custe muitissimo.

Somos monarchicos, *mas nunca conspiramos*, e isso leva-nos a pedir ao snr. administrador que faça só justiça e o primeiro acto de justiça, será suspender desde já o regedor de S. Lourenço, apesar das desculpas apresentadas e puni-lo com rigor. E depois, depois se se provar que o regedor, *cumpriu apenas o seu dever*, dê-se-lhe de novo a regedoria para continuar o pagode que naquella freguezia principiou ha cinco annos. Justiça, snr. administrador. Justiça, apenas!

Os nossos illustres collegas *da Nação e Liberdade*, em cartas d'esta cidade e Caldas das Taipas, mostram bem á evidencia o *critério* que aqui *presidiu* ás prisões effectuadas quando dos chamados ultimos acontecimentos.

A falta de espaço inhebe-nos de as transcrever, fazendo nossas as suas palavras, mas é possivel que ainda lhe façamos as necessarias referencias, para eterna gloria dos senhores de tudo isto.

## Organização Monarchica

### Corrigenda

No artigo de fundo que, sob esta espigraphe, foi publicado no ultimo numero, sahiram algumas incorrecções, as quaes nos cumpre rectificar:

No terceiro periodo, onde se diz: que os monarchicos se resignaram a *desapparecer da urna*, deve ler-se *desapparecer da scena*.

No sexto periodo, onde sahio: *dobrassem, triplicassem por mil*, deve ler-se: *dobrassem, triplicassem, multiplicassem por mil*, etc.

ou então decidir não lhe achar graça nenhuma. Aconteceria neste caso como a um preto que fosse a dar uma marrada numa porta e que esta se abrisse de repente: o preto iria de ventos ao chão. O contador de anedoctas, em lhe faltando o riso do auditorio, falta-lhe o apoio com que contava e por isso, como o preto, vae a terra tambem.

Ora pois, meninos, nunca sejas massadores: nem falleies demasiado, cortando a palavra aos outros, principalmente ás pessoas que mereçam, por qualquer titulo, a vossa consideração, como faz o tal que vos pergunta pela saude e não espera pela resposta, nem tambem sejas como o outro, a estatua do silencio. Sabeis porque um cemiterio é triste, embora todo elle esteja rodeado de flores, mesmo nos dias em que o sol

## VERANEIOS ELEGANTES

### Granja

A elegante e aristocratica praia, embora menos concorrida, que os outros annos, continua sendo um ponto de reunião muito distincto e escolhido.

As familias que ali veraneiam promovem sempre festas elegantissimas, dando immensa vida á mais bella e aristocratica praia do Norte.

Todas as tardes ha chás finalmente servidos, onde concorre uma assistencia muito numerosa e escolhida. Entre a assistencia, destacam-se rostos formosissimos que á praia da Granja dão um *grande cunho* de preferencia a outras estações de veraneio.

As noites, as Senhoras, ostentando ricas e bellissimas *toilettes*, frequentam o salão do Casino, que é desde sempre, o centro de reunião escolhido.

Sem duvida a Granja, que para nós tem gratas recordações, é a praia dos encantos, onde a cada momento, apparecem lindas *fadas a prenderem corações*, pela fascinação estonteante de seus lindos olhares, que fugidas do Olympo, alli vieram para... apaixonarem muita alma e enamorem muito *desgraçado*, que ainda tem a infelicidade de nelles acreditar...

A Granja, comtudo, é a praia elegantissima de sempre, a *preferida, a escolhida*...

### Foz do Douro

Muito concorridos de manhã e á tarde, os campos de jogos, a alameda, a Avenida de Carreiros e os pontos mais pittorescos da Foz, que este anno *marcam* uma nota elegantissima no *carnei* de aquella linda praia.

O Casino já abriu com grande e distincta concorrência de Senhoras, que aquellas festas dão sempre um grande cunho de suprema elegancia.

Organizada por uma comissão de Senhoras, bervemente se realisa uma festa brilhantissima no Casino.

Terá canto, musica, recitativo e... o seu *clou*, serão os lindos e ternos olhares d'aquellas raparigas todas que em *Trovas ao Mar* tornam a Foz num *Paraiso*!

Ao *Café Montanha*, todas as noites os brilhantes concertos alli effectuados, chamam farta concorrência de Senhoras, que com formosas *toilettes* dão um grande brilho áquellas festas.

### Villa do Conde

A linda praia de Villa do Conde está animadissima.

Algumas familias das mais distinctas do Norte do paiz, imprimem áquella praia um tom *chic* e elegante.

Todas as tardes, alli ha diver-

rtila lá pelas alturas? E' porque lhe falta a animação, o som, o movimento, que só a vida pode dar.

O homem que só observa, e que do resultado das suas observações nada nos conta, poderá ser muito sabio, muito prudente, muito profundo, que por isso se não livra de ser um enorme massador e um ente perfeitamente nullo.

Quanto ao perguntador, livre-vos bem de o imitardes e considere que, se tudo se poderá de-sejar saber, nem tudo se pode perguntar. O raciocinio, poderá muitas vezes fornecer-nos os conhecimentos que desejamos, sem sermos indiscretos, e acredite, vale muito mais um conhecimento adquirido por esforço proprio, do que pela indiscreção propria ou alheia.

## MASSADOR

(Conclusão)

Parece que o remedio contra tal praga seria um homem dar-se por vencido; pois não. O cathquista não se contenta em vencer, quer muito mais do que isso, quer convencer, e uma vez conseguido este resultado, não se dá ainda por satisfeito: sempre desconfiado que a tua conversão á grande ideia não seja sincera, não deixa de, por todas as formas, quasi sempre insidiosas, te espiar a consciencia e espicaçar-te

sas diversões, que chamam áquella linda praia uma grande animação e alegria.

No Casino, animadas *soirées*, completam preciosamente os dias cheios de encanto alli passados.

## Caldas da Rainha

Estas deliciosas *thermas*, teem como sempre, um grande numero de familias das mais distinctas de Lisboa.

As diversões succedem-se umas ás outras, e quer á tarde na praia, quer á noite, nos Casinos, a animação é extraordinaria.

As *Caldas da Rainha*, são as preferidas por algumas meninas de Lisboa, que alli, há muito, deixaram corações...

O Manuel Alvellos e o José Restello que o digam... quantos olhares arrastaram em lindos cortejos de amor!...

Brevemente sobe á scena uma revista expressamente escripta por Thomaz Leal e Fernando Carran, onde se *desenrolam* as figuras de mais destaque da linda estancia.

A revista será representada ainda este mez e desempenhada por rapazes e raparigas das mais distinctas das Caldas.

A musica, que é formosissima, pertence ao maestro Encarnação e ao violinista Laguer.

A representação da linda revista será sem duvida o *clou* da presente epocha.

## Carteira Elegante

Com sua ex.<sup>ma</sup> mãe, partiram no dia 1, para Mattosinhos, onde vão passar o mez de setembro, os nossos sympaticos amigos Adriano e Luiz Trepa Ramos.

Encontra-se no Gerez, o nosso querido amigo e antigo presidente da Camara Municipal, sr. Alvaro da Costa Guimarães.

Com sua ex.<sup>ma</sup> esposa e seus filhos os nossos sympaticos amigos Alberto e Affonso, encontra-se na Povoia de Varzim o importante industrial sr. Simão da Costa Guimarães.

Com suas ex.<sup>mas</sup> filhas está na Povoia de Varzim a ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Laurinda Moniz.

Com sua ex.<sup>ma</sup> familia, parte por estes dias para as suas propriedades em Briteiros, o nosso amigo sr. capitão Francisco Martins Ferreira.

Regressou do Gerez a esta cidade o nosso presado amigo e illustre director da *Escola Academica*, sr. Padre José Maria da Silva.

Sêde tambem discretos no emprego das vossas amabilidades: cortezes sempre com todo o mundo, não prodigalizei as vossas attentões a torto e a direito. Imaginae que ao mesmo tempo se encontram em vossa casa, por exemplo, um individuo de reconhecida honestidade, e outro que, embora melhor collocado na sociedade, gosa de uma fama duvidosa: se com este tiveres mais attentões do que com o primeiro, este poderá julgar com razão que tu és tão bom como elle; se, porém, os tratares igualmente, o homem honesto pensará, e com razão, que a virtude ou o vicio valem para ti a mesma coisa. Ora é dever de nós todos honrarmos a virtude em quem quer que ella se manifeste. Fazemos uma obra de justiça e adquirimos assim o direito ao respeito alheio.

Seu irmão o tambem nosso amigo e distincto professor do Lyceu, sr. Padre Anselmo Silva, retirou da Povoia de Varzim para Caldellas, onde vae fazer uma cura d'aguas.

Regressou da Povoia de Varzim, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia, o nosso estimado amigo sr. General Antonio Emilio de Quadros Flores.

D'aquella mesma praia, regressou a Villa Real, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia, o sr. conselheiro Dr. Luiz Augusto Teixeira Lobato.

De Vizella regressou ao Porto o nosso amigo e importante capitalista sr. João José Mendes Guimarães.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa, está nas suas propriedades de Silvares, o nosso amigo e importante industrial sr. Francisco d'Assis Costa Guimarães.

Está em Vizella o illustre titular sr. Conde do mesmo titulo.

Naquella estancia continua veraneando o nosso querido amigo e illustre conterraneo sr. Luiz Martins de Queiroz Montenegro (Minotes).

Esteve ante-hontem em Braga, o nosso muito estimado amigo sr. dr. Joaquim Augusto Machado.

Vimos em Guimarães o nosso presado amigo e illustre jornalista sr. dr. Moreira Pinto.

Esteve nesta cidade o nosso distincto collega sr. Antonio Pinto de Mello.

Sua Ex.<sup>a</sup>, encontra-se com sua ex.<sup>ma</sup> esposa, em Vizella, a fazer uma cura d'aguas.

## NOTICIARIO

### Thomaz Rocha dos Santos

Este nosso amigo, antigo collaborador e temivel conspirador, fazendo um pequeno passeio até á terra das frigdeiras, foi lá amavelmente hospedado á custa do estado em um dos calabouços do governo civil, honra só dispensada aos thalassas e athalassados.

Felicitemos o nosso caro amigo pela distincção recebida, o que nos não impede de lamentarmos qualquer transtorno que isso lhe podesse ter causado, pois é bem de vêr que a despeito da gentileza democratica de que foi alvo, elle a dispensaria de boa vontade.

### Caça

A folha official publicou ha dias o seguinte decreto:  
"1.º—E' a Commissão Venatoria Regional do Norte auctorizada

quanto á manifestação das nossas opiniões sobre politica, religião, ou sobre qualquer outra questão, nada mais legitimo do que desassombradamente expô-las com toda a nossa fé e toda a nossa convicção; mas d'ahi á ferocidade intransigente com que os adeptos de certas causas costumam impor as suas, vae um abysmo. Devemos sempre ter presente no espirito que as ideias abstractas não são absolutas e que por maiores que possam ser as razões que nos levem ao convencimento de que a nossa opinião é excellente, nada impede que possa haver outra melhor. Mais tarde sabereis, meninos, os horrores produzidos pela intransigencia politica e pelo fanatismo religioso. Sêde firmes nas vossas crenças e fieis ás vossas convicções, mas não cerreis o espirito á claridade

a resolver, na proxima epocha venatoria, todos os casos previstos no § 5.º do artigo 8.º da lei de 7 de Julho de 1913.

2.º—A caça ás lebres, nos concelhos de Guimarães, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Amarante, sómente é permitida a corricção.

3.º—E' fixada em 1 de outubro a abertura da caça ás perdizes nos districtos do Porto, Vianna do Castello, Braga, Aveiro, Coimbra e Vizeu; e no districto de Villa Real, nos concelhos de Montalegre, Boticas, Ribeira de Pena, Villa Pouca de Aguiar, Mondim de Basto, Villa Real, Santa Martha de Penaguião, Peso da Regua e Mesão Frio, vigorando para os restantes concelhos d'este ultimo districto e em todos dos districtos de Bragança e Guarda, o disposto no artigo 15.º da já citada lei.

### «A Liberdade»

Esteve ultimamente para ser assaltada, pelos *illustres* defensores da *ré publica*, este nosso distincto collega portuense, que tão superior e intelligentemente vem sendo dirigido pelo antigo parlamentar, apreciado e valoroso jornalista e nosso distincto amigo sr. dr. Alberto Pinheiro Torres.

Muito agradável nos é cumprimentarmos o distincto collega, apresentando-lhe os protestos da nossa grande estima e solidariedade.

### Miguel Sotto-Maior

Foram da mais imponente e significativa homenagem os funeraes, realizados em Braga, ao cadaver do nosso saudoso e illustre amigo Miguel da Cunha Velho Sotto-Maior, o valoroso monarchico, que acima de tudo collocava os seus ideaes, pelos quaes sacrificou até a sua propria vida!

Homem de bem ás direitas, espirito muito culto, Sotto-Maior foi um monarchico intransigente, tendo soffrido immenso desde a implantação da *ré publica* até hoje!

Preso por diversas vezes, condemnado a 20 annos de degredo, exilado, Sotto-Maior teve sempre coragem para tudo soffrer por amor do seu Ideal, e agora, agora em que se vê, *como por encanto*, mettido nos acontecimentos, *não tem coragem*, e elle, que soffreu como heroe, *pede* á morte o repouso que a vida agitada que levava não lhe soube dar!

Pobre amigo!  
Sobre a sua campa, campa de heroe e de martyr, curvamo-nos reverentes e saudosos, e hoje mais que nunca, oramos a Deus que lhe perdoe o seu *acto de desespero!*

Com a sua morte, desaparece uma das mais brilhantes figuras de Braga. Estimadissimo e mu-

que vos possa vir das dos outros. Conservae o espirito sempre livre para poder imparcialmente julgar o bem e o mal; concorrereis assim para a vossa relativa perfeição.

Que vos direi dos massadores anedocticos? Que vos livreis de ser como elles, impingindo a torto e a direito historias que toda a gente sabe. Estes sujeitos são como certos janotas decahidos que, não se conformando com a penuria, vão pedir emprestada a casaca que levam ao salsifré, figurando assim á custa alheia. Estes tambem, não tendo espirito proprio, soccorrem-se do alheio. Uma historia alegre, uma vez por outra, a proposito, tem graça; mas muitas repetidas, enfatiam.

Ora pois, não sejaes massadores.

to respeitado, fidalgo de linhagem, por nascimento e por educação, Sotto-Maior era um homem dos que honravam com as suas relações.

Nosso amigo de ha poucos annos, os acontecimentos da *ré publica* approximaram mais as nossas relações pessoais, e é por isso que hoje não deploramos só a perda de um correligionario querido e dedicado; choramos, e com saudade, a falta de um amigo, sempre dedicado e sempre desinteressado!

Amargura-nos a sua morte, e choramo-la bem mais, em virtude da tragedia que lhe serviu de veu!

Para a sua memoria, que viverá sempre connosco, vae a saudade de amigos, de correligionarios e de... companheiros de algumas horas de prisão!

Os seus funeraes, foram como dissemos, imponentissimos, sendo o cadaver transportado em carro funerario para S. Martinho de Dume.

Ao chegar o prestito funebre áquella freguezia, organizou-se um turno constituído pelos snrs. João da Cunha Velho Sotto-Maior, irmão do fallecido, Gaspar Malheiro de Souza e Menezes, Manoel Malheiro de Souza e Menezes, Fernando Lindoso, Visconde de Nespereira e dr. Nuno Freire d'Andrade.

Tomou a chave do athaude o nosso distincto amigo e valioso correligionario sr. Conde de Carcavellos.

O feretro ficou sepultado em jazigo de familia.

A assistencia, além de numerosa, era escolhida, como se vê da lista dos nomes que pudemos tomar nota:

Visconde de Nespereira (João), Conde de Carcavellos, Visconde de Olival, dr. Nuno Freire Andrade Coutinho Bandeira, Sebastião Lobo Cardoso de Menezes (Nespereira), Gaspar Lobo Cardoso de Menezes (Nespereira), Joaquim Antonio Pereira Villela, Francisco de Campos Castro (Carcavellos), Thomaz Rocha dos Santos, João Amadeu da Fonseca, dr. José Maria Braga da Cruz, Francisco da Costa Soares, Alberto de Magalhães Teixeira de Vasconcellos, Jeronymo d'Araujo Carneiro, José Maria Ceronezio.

Casimiro Gonçalves Forte, João Gomes de Magalhães, Abbade de Frossos, Justino C. Cruz Barreto, Paulo José da Silva Machado, José Antonio Monteiro Vieira Marques, João Baptista de Faria Villaça, Manuel Alves de Faria Villaça, Manuel Lourenço d'Araujo Braga, Alfredo Ferreira Peixoto, Delfim Ferreira Peixoto, Manuel José Pereira de Souza, Francisco de Campos e Castro (Carcavellos), José Pereira Villela, José Gomes, Justino Cruz Barreto, Julio Cesar Queiroga, Manuel d'Araujo Freitas.

Albino José Lopes, José Julio Magalhães Vasconcellos, Antonio Joaquim Ferreira, José Marques da Silva, José Gomes, Miguel Gomes, Manuel Maria d'Abreu,

Domingos Alves Teixeira Fanzeres, Antonio Pereira, Francisco Felisberto, Antonio d'Oliveira Torres, Manuel da Costa Lima, Antonio de Faria Villaça, João Baptista de Faria Villaça, Francisco Pereira, Antonio Pinto, Domingos Moutinho Lopes Correia, José Ribeiro, Manuel José Ribeiro.

Antonio José de Souza Mattos, Antonio da Rocha, Antonio Carlos Antunes Veiga, Adolpho Ferreira da Silva, Jeronymo Francisco d'Oliveira Junior, Francisco Rodrigues da Silva, Victor Benjamin da Costa Mendes, Antonio Pinto, Antonio Maria Pinto, João Ferreira Dias, Antonio Rodrigues Pinto Moura, Antonio Rodrigues Pontes, José Correia, José Joaquim Ferreira, Lourenço Fernandes, Albano Rodrigues Gonçalves, Delfim Alves, Francisco Bourbon (Lindoso), dr. João Maria da Cunha Barbosa, João Ferreira Peixoto, etc.

Aos nossos leitores recomendamos a infeliz Isabel de Oliveira Rodrigues de Castro, moradora na rua Gravador Molarinho, 81, que já há bastante tempo se encontra lutando com a terrível tuberculose.

### Machinas de Costura "Singer," e outras marcas

Vendem-se a 500 réis semanaes ou a dinheiro, com grandes descontos, em Guimarães

### Benjamin de Mattos

com estabelecimento de fazendas, bicycletas e seus accessorios.

TOURAL, 105.

### AGUAS DE MELGAÇO VIDAGO

Manoel José de Carvalho, antigo depositario d'estas afamadas aguas, previne o publico de que continua a receber directamente estas aguas sempre frescas.

Grandes descontos aos snrs. revendedores e particulares.

Especial chouriço e azeitonas d'Elvas.

Payo Galvão-Guimarães.

## Echos de Guimarães

II Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 77

Ex.<sup>mo</sup> Snr.